A solução está no agronegócio

O crescimento da agropecuária é essencial para a redução da pobreza e para garantir a segurança alimentar

ANDRÉ CABRAL DE SOUZA

É unanimidade que o combate à fome deve ser priorizado por todos os governos, haja vista sua repercussão positiva na saúde e bem-estar das populações. Avaliar a magnitude desse problema socioeconômico requer consciência da existência no mundo de 799 milhões de pessoas com fome nas regiões subdesenvolvidas – sem contar com 11 milhões nos países desenvolvidos e 30 milhões nos países em desenvolvimento.

Segundo a FAO, mais de 2 milhões de pessoas em todo o planeta sofrem de desnutrição pela carência de micronutrientes. É a chamada "morte oculta". Essas pessoas, cuja dieta fornece quantidades insuficientes de vitaminas e minerais, poderiam experimentar uma situação adequada de vida incorporando maior variedade de alimentos ricos não só em micronutrientes, mas também em proteínas, carboidratos e gorduras (macronutrientes).

Estudos comprovam que mulheres e crianças são as mais prejudicadas pela carência de micronutrientes: as mulheres pela importância desses alimentos na idade da procriação e durante a gravidez; as crianças, porque sua deficiência compromete o bom desenvolvimento mental e físico e, conseqüentemente, o progresso da capacidade de aprendizagem.

Cerca de 100 a 140 milhões de crianças têm carência de vitamina A. Desse total, 2 milhões ao ano sofrem de graves problemas de visão, estimando-se que entre 250 e 500 mil ficam permanentemente cegas. Segundo a OMS, como conseqüência direta ou indireta da fome, morrem a cada ano 6 milhões de crianças menores de cinco anos. Resultantes de fome e pobreza, as enfermidades, a falta de água potável e de higiene matam 25 mil pessoas diariamente.

A produção e a oferta de alimentos é um fator determinante para melhorar a vida desta e das próximas gerações. Entretanto, requerem disponibilidade de espaço físico, água, capacidade de armazenagem, meios adequados de escoamento de produção, redução de perdas – o que repercutiria positivamente no preço final – e, principalmente, tecnologias capazes de aumentar a produção usando os recursos naturais de forma inversamente proporcional e menos agressiva. As pesquisas devem ser induzidas e diferenciadas a partir dos diversos tipos de usuários e culturas. Em outras palavras, é preciso melhorar as condições dos que estão diretamente ligados às atividades de produção, processamento, distribuição e comercialização de alimentos, levando em conta suas singularidades e procurando produzir de forma sustentável.

A FAO sustenta que apoiar a agropecuária é prioritário, já que a atividade tem um impacto significativo sobre os recursos naturais e o meio ambiente, responsável que é por 70% do uso de água e cerca de 40% da terra. Tanto mais sabendo-se que a estimativa de aumento da demanda mundial de alimentos será de 60% em 2030, sendo a demanda e produção adicionais originadas dos países em desenvolvimento. Ainda segundo a FAO, 20% da produção adicional virão da expansão de terras, 10% das colheitas mais freqüentes e 70% do rendimento mais elevado.

Alguns organismos internacionais afirmam que, como 70% da população pobre dos países em desenvolvimento vivem em zonas rurais e obtêm seus meios de sustento direta e indiretamente da agropecuária, o crescimento do setor é essencial para a redução da pobreza e para garantir a segurança alimentar. Esses organismos indicam ainda que os agricultores pobres expressam maior preocupação com a natureza, devido à dificuldade de acesso a terra, água e tecnologias adequadas e ao fato de seu trabalho estar diretamente voltado para a própria sobrevivência.

Dados do IBGE mostram que no Brasil 49 milhões de pessoas vivem com uma renda menor que meio salário mínimo e 5 milhões estão na linha da indigência, sobrevivendo sem qualquer recurso econômico. Esses dados fazem lembrar que a elevada taxa de crescimento demográfico no país, já registrada como equivalente a aproximadamente um Uruguai por ano, principalmente nas faixas de renda mais baixa, contribui para agravar a situação.

Esses fatos comprovam a necessidade de aumentar a produção de alimentos – em menores espaços, de tempo e físico, e de forma menos agressiva – para disponibilizar maiores quantidades de micro e macronutrientes, estendendo o acesso aos menos favorecidos. A

segurança alimentar não pode deixar de lado, entretanto, a segurança do alimento. Mais uma vez, seria preciso contar com as ações dos participantes do agronegócio, só que acompanhadas de planejamento familiar. Uma redução de 0,4% na taxa de nascimentos permitiria uma redução de 2,4% no número de pessoas vivendo em situação de miséria na próxima década.

Fome, saúde, crescimento populacional, meio ambiente e redução da área global para agropecuária (a tendência, segundo o Banco Mundial, é que em 2050 seja de 0,15ha/hab.) induzem ações diferenciadas para a produção de alimentos e agregação de valores.

Reforma agrária e meio ambiente

O processo de reforma agrária deve sempre vir acompanhado de uma política voltada para o desenvolvimento do meio rural, incentivando a formação de capital humano nas escolas primárias e nos colégios intermediários. Isso permitiria que permanecessem nas propriedades filhos de produtores habilitados a absorver as técnicas atuais de cultivo. Ou seja, proporcionar educação adequada e treinamento de técnicas de produção, além de acenar com condições satisfatórias de bem-estar social. Bons exemplos: o Pronera) Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) e projetos de ONGs responsáveis por projetos para a educação.

Paralelamente, o serviço de extensão rural, considerado no passado como um valioso instrumento de aperfeiçoamento das atividades agropecuárias, deve ser retomado, uma vez que otimizaria o esforço de P&D não só na área da agropecuária, mas do agronegócio como um todo, via melhoria da aplicabilidade das novas técnicas obtidas através da pesquisa.

De grande importância é a concessão de terras cujas condições permitam produção agrícola e/ou criação de animais de exploração econômica, além da disponibilidade de crédito – em alguns casos não-reembolsáveis – e insumos a preços acessíveis aos assentados. Em outras palavras: evitar terras improdutivas por natureza, de difícil acesso, sem mecanismos de desenvolvimento das atividades e sem conhecimento e tecnologias apropriadas às adversidades físico-produtivas.

A globalização da economia, que traz consigo maior competição entre os países, induz o aparecimento de barreiras comerciais e não-comerciais com a exigência de produtos e processos limpos como condição imposta pelos importadores.

O Brasil, em seus 8,5 milhões de quilômetros quadrados, conta com cinco grandes ecossistemas com climas e precipitações pluviométricas diversificadas, que repercutem nos índices de perda das culturas de verão e inverno. É clara a importância do zoneamento agrícola, o qual indica não só a época do plantio, mas também o que se pode e onde plantar, contribuindo para um desenvolvimento sustentável. Alguns especialistas dizem, por exemplo, que a produtividade do feijão no país não passa de 400kg/ha. Aplicada essa tecnologia, conseguir-se-ia um manejo da oferta pluviométrica, duplicando a produtividade.

Segundo a OMS, morrem a cada ano 6 milhões de crianças menores de cinco anos como conseqüência direta ou indireta da fome. A falta de água potável e de higiene mata 25 mil pessoas diariamente.

Existe ainda o problema da qualidade e disponibilidade da água. Se não forem tomadas medidas para otimizar seu uso e recuperar a água utilizada pelo homem, poderemos vir a ter problemas de oferta dessa commodity num espaço de tempo não muito longo, em prejuízo da produção de alimentos e da qualidade de vida. Estima-se que, atualmente, 1 bilhão de pessoas no mundo enfrente problemas de abastecimento de água, seja por poluição ou por secagem das fontes. Esse número, segundo estimativas, pode chegar a 30% da população mundial em 2050.

O aumento populacional induz a uma intensificação na produção de alimentos, que demanda maior uso da terra. Como conseqüência, verifica-se a desestruturação do solo e aumento do custo por unidade produzida, o que repercute na qualidade do meio ambiente e no preço final dos produtos agropecuários. O plantio direto pode ser apontado como boa alternativa ao sistema convencional: especialistas afirmam que por essa técnica a matéria orgânica e a estrutura do solo ficam preservadas, favorecendo o seqüestro de carbono e a manutenção da biodiversidade, além da redução no uso de combustíveis fósseis. Resumidamente, uma técnica conservacionista.

A agropecuária familiar

A concentração de pessoas nos grandes centros urbanos, muitas vezes correndo por conta do deslocamento da força produtiva do campo para a cidade, acrescido da deficiência de empregos, agrava alguns dos problemas econômicos e sociais das grandes cidades.

O apoio à agropecuária familiar teria importante papel na melhoria da oferta de alimentos, via produção própria, e no equilíbrio ambiental – sem perder de vista as oportunidades de trabalho para a população rural e o desenvolvimento de produtos para mercados especiais, como os do selo verde ou os orgânicos. Acreditamos na viabilidade da cultura de frutas, legumes e hortaliças, além da criação de caprinos e outros animais de pequeno porte, que não exigissem grandes áreas para o cultivo e/ou criação.

Por participar com 40% da produção agrícola nacional e vislumbrar-se um cenário crescente de nichos de mercado – alimentos mais saudáveis, produtos fitoterápicos, com valor cultural agregado – acredita-se que a agricultura familiar venha a crescer ainda mais. Seus produtos no entanto não substituirão a produção convencional na oferta de alimentos e no equilíbrio das contas externas do país, além de exigir padrões tecnológicos compatíveis com a pequena escala; legislação sanitária adequada; mecanismos coletivos de comercialização e um sistema de financiamento acessível apropriado às diferentes realidades.

A agropecuária orgânica

A preocupação com a origem dos alimentos e a forma como foram produzidos (agrotóxicos, questões ambientais) ganha espaço entre os consumidores. Abre-se uma oportunidade de crescimento para o mercado dos produtos orgânicos.

O segmento dispõe de potencial de crescimento, não só pelas questões levantadas, mas também por apresentar uma participação ainda modesta no que se refere ao uso total das terras agrícolas no mundo (1%), e comparece com apenas 2% da produção de alimentos.

No Brasil, dados demonstram que a área cultivada sob manejo orgânico é de aproximadamente 158 mil hectares com agricultura e 119 mil com pastejo. Deve-se mencionar que a fruticultura, excluindo pastagens, desponta como a maior cultura em termos de áreas de produção.

No que se refere ao perfil dos produtores, 70% da produção encontram-se concentrados nas mãos de agricultores familiares (90%), principalmente no caso das culturas anuais, que produzem e devem continuar a produzir o que não é produzido pela Europa e América do Norte. Produtos que têm-se destacado: café, chá, cacau, frutas tropicais e cítricas, hortifrutigranjeiros e especiarias, leite e carne.

O solo na agricultura orgânica é mais do que um suporte mecânico para as plantas; precisa de todo o cuidado para que não comprometa a atividade microbiana, de procurar diminuir a lixiviação e a demanda externa de fertilizantes. Quanto à água, sua qualidade pode comprometer todo o processo, se a que se usar na irrigação contiver resíduos de esgoto, industriais ou agrícolas, exigindo cuidados especiais.

A agropecuária convencional

A agropecuária, indústria a céu aberto – onde os riscos provocados por variações na natureza são consideráveis –, não pode ter sua produção interrompida, como ocorre na indústria comum, e sofre alterações de preços ditadas pelas bolsas de mercadorias, inviabilizando ou pelo menos dificultando a previsão de receitas.

Apesar desses contratempos, o agronegócio tem participando ativamente das questões econômicas ao longo da história do país. O saldo de sua balança comercial apresenta resultados sempre positivos, graças às colheitas e produções e, conseqüentemente, às exportações crescentes do setor. Os destaques seriam soja, milho, arroz, feijão e trigo, que totalizaram 98,6 milhões de toneladas na safra 2001/02 e a produção de 16 milhões de toneladas do complexo carne, além da liderança do país em cana, frutas cítricas, café em grão e laranja.

Do ponto de vista social, o agronegócio comparece com o maior volume de empregos, com participação expressiva da agropecuária convencional. Além, é claro, da capacidade de atender à demanda gerada pelos programas sociais de combate à fome.

A elevação na demanda, acompanhada de exigências crescentes dos mercados consumidores interno e externo, exigirá a adoção de tecnologias cada vez mais atualizadas, que proporcionem aumentos de produtividade e qualidade – agricultura e zootecnia de precisão, informática aplicada à agropecuária, novos métodos de colheita, embalagem, armazenagem e conservação, sistemas de gestão que permitam a rastreabilidade dos produtos.

Os OGMs

Assunto polêmico, os organismos geneticamente modificados (OGMs) precisam de pesquisas e consenso dos envolvidos no mercado. Eles devem cada vez mais entrar na pauta de discussão, principalmente quando se vislumbra a possibilidade de utilizá-los para melhorar o valor nutritivo e funcional dos alimentos – e quando se reconhece, por exemplo, que 90% da soja plantada no Sul do país são geneticamente modificados.[2]

Algumas correntes defendem a não utilização dos OGMs por apresentarem riscos à saúde e ao meio ambiente. A segurança do alimento tem merecido atenção crescente de instituições de pesquisa, alguns órgãos de governo e organismos internacionais, muito por conta de exigências dos consumidores e por barreiras impostas nas negociações externas.

Devemos lembrar que a OECD (Organization for Economic Cooperation and Development) preconiza que um alimento é considerado seguro se houver certeza razoável de que nenhum dano resultará de seu consumo sob condições previstas de uso. Alguns especialistas levantam, entretanto, a questão de boa parte dos alimentos convencionais não ter sido submetida a qualquer teste toxicológico. É preciso estar atento à quantidade de aromatizantes, corantes, espessantes, acidulantes, conservantes existentes nos alimentos que ingerimos diariamente, cuja concentração, apesar de pequena para causar dano imediato, pode ser prejudicial pelo efeito cumulativo.

Estados Unidos, Argentina, China, Canadá, Austrália e México em 2001 já contavam com mais de 40 milhões de hectares plantados com transgênicos, destacando-se as culturas de soja, milho, arroz, tomate, fumo, algodão, batata, cana, canola, mamão e melão. Certamente, vários alimentos formulados, presentes no mercado – misturas para bolo, batatas fritas, salgadinhos –, fabricados no Brasil ou importados, contêm algum componente proveniente de plantas transgênicas, não tendo a indústria de alimentos ou a fiscalização sanitária condições de rastreá-los.

Alguns especialistas vislumbram uma oportunidade na funcionalidade de alimentos transgênicos, que poderiam contribuir com micro e macronutrientes, além dos que podem vir a servir como vacinas.

Notas

[1]Para se ter uma idéia, no texto "A terra como condição necessária para o desenvolvimento rural e eliminação da pobreza", de Edson Teófilo, verifica-se que mais de 50% das estradas que dão acesso aos assentamentos pesquisados são intransitáveis durante as chuvas. Em 30% dos casos há lotes de acesso difícil ou inexistente e, em 37assentamentos, há problemas de tráfego durante o período de chuvas em cinco.

[2]Informação obtida no *Informe Parlamentar*, ano 1, nº 10 de 20 de fevereiro de 2003, da CNA.

André Cabral de Souza *é coordenador de Agronegócio, Papel e Celulose da Finep.: andrecs@finep.gov.br*

Incremento nas exportações

Matéria-prima disponível, valor agregado e marketing dão solidez ao agronegócio brasileiro

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

De acordo com as projeções da Secretaria de Produção e Comercialização, do Ministério da Agricultura, em 2003 as exportações brasileiras do agronegócio devem totalizar US$27,5 bilhões, o que significa 9,7% a mais em relação a 2002. Para as importações, a expectativa é de que somarão US$4,75 bilhões. Com isso, o saldo poderá fechar em US$2,5 bilhões, cerca de 10% acima de 2002.

Comparadas às de 2002, as exportações do agronegócio cresceram 4,1%, enquanto as importações caíram 7,3%. O superávit comercial subiu 7%.



Açúcar e álcool

As receitas registraram queda de 4,6%. Embora o volume exportado de açúcar bruto e refinado tenha crescido em torno de 20%, os preços do produto no mercado internacional ficaram 10% abaixo dos registrados no ano anterior.

Para 2003, os dois principais concorrentes enfrentam problemas climáticos. Na UE, segundo maior exportador, as geadas provocam quebras na colheita de beterraba, enquanto na Austrália, terceiro maior exportador, as secas reduzem a produção.

Mesmo tendo sido acertados com o governo menos 2 milhões de toneladas de exportações, as receitas serão boas. As cotações da libra-peso do açúcar (em torno de 6,5 a 7,5 centavos de dólar) podem subir a dois dígitos.

Café

Segundo o Conselho dos Exportadores de Café Verde do Brasil, os embarques totalizaram 23,464 milhões de sacas (mais 19,3%), o maior volume dos últimos 270 anos. A receita caiu de US$1,432 bilhão para US$1,355 bilhão. O *blend* mundial mudou e o robusta representa 40%.

Para 2003 o mercado mundial deve movimentar 85 milhões de sacas, contra 88,7 milhões em 2002. A safra brasileira de arábica deve encolher 50% e a de robusta, 10%. A cotação internacional segue firme e pode subir.

Suco de laranja

Os embarques foram de 1,279 milhão de toneladas (menos 6%) e a receita, US$989 milhões (mais 16%), entre dezembro de 2001 e novembro de 2002. As cotações da libra-peso no suco de laranja concentrado e congelado na Bolsa de Nova York subiram de 93,25 para 207,10 ao longo de 2002, pela quebra de 10% na colheita americana.

Para 2004, em função da renovação dos pomares, o número de pés no estado de São Paulo está estimado em 135 milhões (20 milhões abaixo de 1992). As perspectivas são de preços firmes. A grande ameaça é a doença da morte súbita, descoberta em 2002, que já infectou 1 milhão de pés, com perdas estimadas em US$20 milhões.

Complexo soja

Novamente a leguminosa voltou a se destacar na liderança do *ranking* na pauta de exportações. Bons preços externos e internos, colheita em alta e